

ESPAÇO SOCIALIZAÇÃO COLETIVA  
**Território de Fronteira: Pantanal e diversidades**

Coordenador: Cláudio Benito Oliveira Ferraz

**O PANTANAL ENTRE PALAVRA E IMAGEM: DIFERENTES LINGUAGENS  
NA CONSTRUÇÃO DE UMA PAISAGEM**

Cláudio Benito Oliveira Ferraz  
Departamento de Educação da FCT/UNESP de Presidente Prudente (SP)  
[cbenito2@yahoo.com.br](mailto:cbenito2@yahoo.com.br)

**Resumo:**

A proposta deste Espaço Coletivo de Socialização surge a partir das atividades de extensão e pesquisa desenvolvidas conjuntamente pelo Grupo de Pesquisa Território e Ambiente, vinculado ao Curso de Geografia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados, no Mato Grosso do Sul, e pelo Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas, vinculado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista de Presidente Prudente, no estado de São Paulo. A idéia de estabelecer essa parceria foi o de reunir esforços e experiências de ambos os grupos na direção de se trabalhar um fenômeno territorializado de grande importância para a lógica da produção do espaço fronteiriço no Mato Grosso do Sul, no caso o Pantanal, como forma de ampliar as leituras que se desenvolvem sobre o mesmo. Nesse sentido, apresentamos aqui algumas considerações sobre uma leitura geográfica mais ampla sobre Pantanal que desenvolvemos ao longo do projeto e apresentamos no vídeo-documentário **O que é o Pantanal?**

**INTRODUÇÃO:**

O Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas desenvolve pesquisas e elabora documentos visando aprofundar o diálogo do discurso científico da Geografia com outras áreas produtoras de conhecimento que desenvolvem ou exercitam conceitos e idéias geográficas. Diante disso, nossa participação no projeto **As territorialidades na fronteira: a produção do Pantanal e diversidades**, que se desdobrou nesse Espaço de Socialização Coletiva, foi de elaborar o vídeo/documentário **O que é Pantanal?** e discorrer sobre o sentido mais amplo dessa região a partir do diálogo entre palavra científica e imagem artística.

O vídeo visava sistematizar as idéias norteadoras com as quais embasamos as várias etapas do projeto citado, de maneira que a ida a campo e a coleta de imagens fossem a partir desse roteiro de intenções. Dar vazão a outros olhares sobre o local, para além do que se apresenta na mídia, nos materiais didáticos das escolas e no discurso

cotidiano.

Nosso objetivo foi o de questionar essas abordagens costumeiras de Pantanal, tais como paraíso natural, em que apenas animais selvagens lá habitam, assim como as que restringem a ação do homem ao problema da degradação da natureza, não percebendo que o Pantanal é produto histórico e humanamente territorializado, expressando conflitos inerentes ao mundo urbano e mercadológico atual. Por isso o título do filme ser uma interrogação. Nunca objetivamos estabelecer uma resposta definitiva ao questionamento do título do filme, mas pontuar outros olhares para problematizar uma idéia hegemônica que tende a simplificar a diversidade e complexidade que ali acontece.

O texto aqui pretende delinear um pouco dessas idéias que parametrizaram a elaboração do vídeo-documentário, como forma de mais bem qualificar o uso dele para fins didático-científicos, contribuindo assim para enriquecer os estudos e leituras geográficas da região pantaneira.

## **CONSIDERAÇÕES AOS DISCURSOS SOBRE O PANTANAL**

Quando falamos ou nos referimos ao Pantanal, pensamos estar significando de forma transparente, por meio dos nomes e palavras, ao fenômeno Pantanal como algo que existe por si, como algo a priori e transcendental ao ser humano. Ao assim se posicionar, esquece-se que os vários discursos humanos sobre determinado aspecto do real (o científico, o místico, o artístico, o cotidiano etc.) pautam-se em grande medida na crença de que as palavras e conceitos sejam capazes de expressar a realidade pura, ou seja, como o real, em sua complexidade e diversidade, apresentasse aquelas características que os vários discursos enunciam independente do ser que enuncia.

Isso aponta para o fato do Pantanal só acontecer enquanto algo imanente ao conceito/idéia e não enquanto transcendência do fenômeno/entidade em si. Diante disso, é mais correto trabalharmos o processo de interpretação do que se entende e produz conceitualmente sobre os vários sentidos do termo Pantanal do que se iludir com o erro grosseiro de se buscar, por meio de palavras, o sentido verdadeiro do real acabado, aquele real, que muitos homens acreditam, independente do próprio homem que o denomina/pensa.

O que se tem atualmente de idéia de Pantanal é o resultado de uma diversidade de discursos, enunciados e construções imagéticas que, ao longo da processualidade das relações sócio-econômicas da modernidade ocidental, que nesse lugar se produziu, desdobrou no conjunto de elementos, alguns obscuros e silenciados, outros estereotipados e massificados, que atualmente se interacionam e se tensionam na configuração desse arranjo territorial, o qual se manifesta numa paisagem para além do conjunto natural nele presente.

O discurso midiático, ou os discursos majoritários das diversas mídias comunicativas, tende a sistematizar os vários enunciados produzidos sobre o Pantanal num padrão comum e genérico que acaba enviesando, ou simplificando, a leitura que se faz desse lugar. De um lado, temos a visão de muitas administrações municipais, reunida aos interesses de empresas turísticas, que generaliza o Pantanal como um paraíso natural do Planeta, uma das maravilhas naturais do mundo, a maior planície inundável da Terra; por outro lado, temos as posturas dos movimentos ambientalistas e ecológicos quanto a preocupação com a questão ambiental, com o desmatamento, a extinção de espécies de animais e vegetais, assim como o assoreamento dos rios.

Somam-se a esses, os discursos e práticas dos grandes proprietários de terras, das empresas de agronegócios e de mineração, os quais visam uma saída para o atraso econômico da região por meio de investimentos em grandes complexos produtivos. Temos também os discursos oriundos dos vários setores da administração governamental, tanto estadual quanto federal, que visam implementar políticas públicas para o desenvolvimento social e econômico da região, meios de estimular os processos de ocupação da fronteira e superar os entraves e conflitos sócio-culturais aí presentes.

Fora esses, encontramos, com menor enfoque midiático, mas de desconfortável peso político para os administradores e principais forças econômicas da região, a presença de discursos de resistências e de crítica ao modelo gerenciador hegemonicamente praticado; são enunciados e atos exercitados por minorias marginalizadas, como dos indígenas, dos quilombolas, das pequenas comunidades ribeirinhas pantaneiras etc. Por outro lado, cada vez com maior enfoque midiático, principalmente em seu aspecto sensacionalista, temos a questão dos discursos e práticas da criminalidade e violência, organizada ou não, principalmente o do narcotráfico e do contrabando.

Outro discurso muito participante da leitura desse arranjo, mas de pouco peso midiático, apenas servindo de referência para os aspectos generalizantes abordados pelos meios de comunicação, é o originado dos trabalhos e pesquisas científicas. Desde os dados referentes aos tipos de solos, regimes das águas, levantamento e classificação da diversidade da fauna e flora, passando pelos estudos antropológicos e históricos das comunidades, assim como de auxílio ao desenvolvimento de políticas públicas e de estratégias de exploração econômica, os referenciais científicos justificam tanto as práticas de ocupação territorial pela perspectiva das grandes forças administrativas e econômicas, quanto os de crítica a esta ocupação e pela defesa da questão ambiental e das minorias sociais marginalizadas.

Para além disso, tem-se ainda as várias práticas artísticas que produzem diferentes e conflitantes imagens do Pantanal; tanto na música, como na literatura, na poesia, na pintura, nas artes plásticas e no cinema, produziu e se produz visões e enunciados que caminha do mais simplório corporativismo territorial, aquele que se reduz a engrandecer as belezas naturais e a superioridade moral de seu povo, até os que visam questionar as estruturas de poder e as profundas injustiças sociais aí presentes.

Dessa diversidade, aqui genericamente apresentada, de discursos, enunciados, ações e intenções, temos a construção de miríades de imagens fragmentárias, desconectadas, móveis e instáveis, que cobram de um conhecimento, enquanto estudo destes fenômenos e imagens a partir da perspectiva espacial em que se produzem e se manifestam, capaz de estabelecer certa unidade de compreensão dos mesmos. Nesse aspecto que o conhecimento geográfico pode contribuir.

## **GRAVAR IMAGENS NO PANTANAL: DIRETRIZES PARA ELABORAÇÃO DO FILME**

Gravar imagens pantaneiras, como as de qualquer outro lugar, é permitir o contato, o encontro, entre esse jogo de imagens, fílmicas e reais, encontro que só ocorre no corpo/mente do próprio homem que percebe, pensa e age a partir do que analisou destas imagens; a partir dessa experiência o mundo passa a tomar um sentido mais humano, passa a acontecer enquanto realidade humana.

Aí, nesse encontro, nessa capacidade de estabelecer sentidos lógicos e interpretativos para aquele rol de imagens, o mundo se configura enquanto paisagem

que expressa a lógica espacial do mundo no lugar em que o homem se encontra. Interpretar o sentido das coisas/lugares a partir da interação do lugar que se observa, diante do contexto da dinâmica escalar dos fenômenos ali territorializados, com os lugares além do visto/percebido, ou seja, interagindo o complexo de fenômenos percebidos/pensados em suas diversas escalas de manifestações, presenças e ausências.

Entre esses silêncios e sombras, luzes e vazios, imagens e palavras, é que a paisagem materializa o encontro do mundo no lugar em que este acontece, no nosso caso, o Pantanal. Diante disso, elegemos três parâmetros norteadores, para a organizar as imagens coletadas, visando a elaboração do vídeo-documentário O que é Pantanal?

#### **a) ritmos de tempo e nódulos espaciais:**

A principal característica do Pantanal são os ritmos diversos de ocupação humana, em acordo com o domínio tecnológico e os meios técnicos de implementação das bases econômicas e culturais de reprodução e significação social. Complementar, e em decorrência, a essa implementação de novos ritmos tecnológicos de produção, temos os nódulos espaciais, as barreiras físicas advindas da distância dos grandes centros políticos e as dificuldades apresentadas pela grande extensão territorial e suas características físico-ambientais; tais tentativas de superação desses “nódulos territoriais” fizeram com que a cada implementação de novas técnicas não necessariamente se eliminasse as anteriores, mas as subsumiam ao novo padrão tecnológico.

Isso produziu um determinado arranjo territorial em que as diversas camadas tempoespaciais se interagem em suas tensões e diferenças, produzindo práticas administrativas, de exercício de poder e de relações sociais em que a modernidade buscada se nega e se adapta aos padrões tradicionais, embora recriados, configurando assim uma identidade pautada na diversidade, na desigualdade e marginalidade da sobrevivência.

#### **b) as marcas na paisagem – interação entre diferentes momentos de produção espacial:**

Esses elementos apresentados no item anterior são visíveis na paisagem pantaneira, apresentando-se de forma concentrada em seus núcleos urbanos, notadamente Corumbá; funcionam como marcas a delimitarem processos de produção de uma espacialidade que configurava determinado arranjo social e político, mas que

acabou se transformando, sendo substituída por outros processos considerados mais eficientes.

Contudo, a cada nova implementação técnica e tecnológica de meios mais eficientes de produção e circulação, não significava uma melhoria do conjunto social, apenas poucos eram beneficiados com os novos padrões acumulativos de riqueza, a grande maioria continuava marginal e dependente das migalhas e favores dos beneficiados.

Com o tempo, conforme outros arranjos e implementos eram introduzidos, muitos dos antigos beneficiados entravam em decadência, gerando camadas sociais de novos decadentes a se somarem aos tradicionais marginalizados no processo de sobrevivência cotidiana, ou resistindo por meio de sonhos de um suposto passado mais edificante. Eis aí os casarios do porto, as sedes de antigas fazendas, a pavimentação das ruas, a estrada de ferro, o Cristo, a ocupação dos morros, as instâncias turísticas, as feiras urbanas etc.

### **c) a beleza natural e arquitetônica: negação/confirmação - o belo e feio:**

Uma das formas atuais que concentra a maior parte dos esforços, tanto governamentais quanto de empreendimento financeiros particulares, assim como de boa parte da população, advém da exploração turística do Pantanal. Paralelo à beleza natural de suas águas e relevo têm-se a riqueza de sua fauna e flora, assim como a herança arquitetônica preñe de histórias de antigos processos de ocupação do território, tudo isso entrelaçado a dramas pessoais de vitoriosos e perdedores. Esse conjunto de fatores levou a delimitar o potencial turístico da região a partir da eleição de suas belezas naturais e arquitetônicas como fundamentos a justificar essa exploração econômica.

Apesar do esforço daqueles que usufruem economicamente das potencialidades turísticas do Pantanal, sejam proprietários ou trabalhadores, tanto os inseridos quanto os marginais, o sentido de belo, como fundamento para estetizar uma visão harmônica e uniforme da riqueza sensível e hedônica dessa região, não consegue acobertar as injustiças e a feiúra de uma sociedade historicamente construída em cima das desigualdades sociais e econômicas.

Olhar o Pantanal, portanto, não pode ser a partir de uma perspectiva que cinde sua complexa expressão socioespacial, mas que permite, a partir de um jogo de entrelaçamento de escalas, perceber sua beleza mais profunda para além dos olhos em

si, mas que resgata essa tensa relação entre os diversos sentidos de beleza, todos profundamente amalgamados com a feiúra em sua diversidade de manifestações; explicando melhor, é saber ler a paisagem que temos hoje a partir dos diversos momentos e processos que ao longo do tempo foram se materializando em diferentes arranjos e produção de espacialidades. É aprender a interpretar o todo possível a partir dos detalhes.

## CONCLUSÃO:

Como resultado de todo trabalho desenvolvido, optamos em elaborar o vídeo-documentário capaz de expressar esse contexto analítico que nos orientou durante as atividades do projeto. O filme visou sistematizar esses parâmetros por meio do uso de conceitos (palavras) para ordenar a leitura da paisagem pantaneira (imagens) como produto voltado a interação entre esses níveis de elaboração de referenciais e significantes do mundo.

O emprego do rigor da palavra, para dar sentido lógico de entendimento ao conjunto de imagens apresentadas no filme, propiciou a interpretação da paisagem por meio da leitura mais rica da diversidade imagética do Pantanal.

O filme, portanto, concluía o sentido em aberto de Pantanal como uma região limítrofe, não só por estar localizado entre fronteiras administrativas que separam nações, mas por ser um lugar em que diferentes processos de territorialização foram efetivados e se sobrepuseram na espacialidade que hoje presenciamos. O Pantanal existe porque os homens assim o construíram ao longo do processo de produção dessa espacialidade, diversa e dinâmica.

Pantanal não é só natureza em si, mas são cidades, caminhos, simbologias e imaginário humano que ali se manifestam e se transformam; o Pantanal não é, o Pantanal são, ou melhor, são diversas culturas humanas que ali se territorializaram e se inter-relacionaram (de diferentes grupos humanos, países, regiões, lugares e camadas sociais); o Pantanal não fica em estado de partícipio, mas vive sendo gerúndio, em constante realização.



## BIBLIOGRAFIA

FERRAZ, Cláudio B. O. Geografia: o olhar e a imagem pictórica. **Revista Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 29-41, set/dez, 2009.

GONÇALVES, Carlos W. P. **A Invenção de Novas Geografias: a natureza e o homem em novos paradigmas**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2007.

JOLY, Martine, **Introdução à Análise da Imagem**. Campinas: Editora Papirus, 1996.

MARINHO, Marcelo. Cinema e Literatura: o Pantanal como metáfora da Arte em Joel Pizzini e Manoel de Barros. In: RUSSEFF, Ivan; MARCELO, Marinho; NOLASCO, Paulo S. (orgs.). **Ensaio Farpados – arte e cultura no pantanal e no cerrado**. Campo Grande: Letra Livre/UCDB, 2004.

MORETTI, Edvaldo C. **Paraíso Visível e Real Oculto: a atividade turística no Pantanal**. Campo Grande: EdUFMS, 2006

SANTOS, Paulo S.N. Mediadores da Representação no Entorno do Pantanal Mato-Grossense. In: RUSSEFF, Ivan; MARCELO, Marinho; NOLASCO, Paulo S. (orgs.). **Ensaio Farpados – arte e cultura no pantanal e no cerrado**. Campo Grande: Letra Livre/UCDB, 2004.

SANTOS, Paulo S.N. **Outdoor Invisível**. Campo Grande, MS:Ed. UFMS, 2006

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **Palavra e Imagem, Memória e Escritura**. Chapecó: Argos, 2006.